

MEMÓRIAS PARA A HISTÓRIA DA ESCOLA MUTIRÃO - BAIRRO DA HABITAÇÃO - MUNICÍPIO DE LAGES - ESTADO DE SANTA CATARINA

O BAIRRO DA HABITAÇÃO

O Bairro da Habitação nasceu em 1978, de um projeto pioneiro de habitação popular de uma administração municipal, liderada pelo prefeito Dirceu Carneiro (1977-1982). A equipe da administração municipal era constituída de jovens e idealistas administradores públicos, que tinham um sonho de aproximar a prefeitura dos segmentos mais desfavorecidos da população e com eles escolher e construir solidariamente projetos prioritários, de modo a melhorar as suas condições de vida. Entre outros, surgiu o Projeto Lageano de Habitação. Sua concepção era a de compor forças: de um lado a prefeitura entraria com os terrenos, o material de construção mínimo necessário, uma equipe técnica para orientar os trabalhos; os futuros moradores, com a sua força de trabalho, parte dos materiais que viessem a adquirir e a garantia de uma organização social que lhes desse um sólido perfil comunitário, desde a construção das moradias, as construções de uso coletivo, até as demais atividades da vida. A gestação desse projeto no meio da equipe administrativa, apesar de ser considerado muito importante, demorou um ano de debates e planos, principalmente porque toda a legislação, a constituição da administração pública, os seus modos de organização e a mentalidade dominante não admitiam um tal tipo de projeto. No começo do ano de 1978, em fevereiro, o prefeito assumiu a responsabilidade e determinou o início dos trabalhos. A área já estava escolhida, nas várzea do rio Caveiras, que margeia a cidade, dentro da malha urbana, próxima do centro. Essa área havia sido ocupada por muitos anos, a título de comodato, pelo exército, 2º Batalhão Rodoviário, que lá desenvolvia atividades de instrução do seu contingente. A planta do loteamento foi desenvolvida na Secretaria de Obras da Prefeitura, na época liderada pelo engenheiro Cândido Bampi Filho. Além de sua integração à malha viária, o loteamento previa espaços bem no centro para os equipamentos de uso coletivo - escola, posto de saúde, sede da associação de moradores, igreja - e 800 lotes de 200 metros quadrados cada um. Conforme sua concepção inicial, foram selecionadas dez famílias, segundo um conjunto de critérios que davam precedência aos mais necessitados e que já morassem um mínimo de anos na cidade. Após a demarcação das ruas e o piqueteamento dos primeiros dez lotes, o dia 4 de fevereiro de 1978 foi escolhido para início das primeiras casas. Os materiais de construção foram possíveis com a demolição de uma grande edificação comercial que havia na época, as Lojas Hoepcke, situada na rua Correia Pinto. Para conseguir os materiais., a prefeitura comprometeu-se com a mão-de-obra da demolição e remoção dos materiais. Um banco de materiais foi organizado no canteiro de obras, onde eram selecionados, organizados e serviriam para os moradores-construtores irem retirando à medida das necessidades. O dia em que se iniciaram as obras foi de muita alegria para todos, inclusive pelo nascimento de uma das filhas do prefeito, a Ana Helena. Muita coisa nascia nesse dia, tanto para os membros da equipe Dirceu Carneiro, como para a população do município, especialmente para os futuros moradores daquele bairro .

Para forçar a solidariedade, os idealizadores do Projeto Lageano de Habitação planejaram que cada 10 candidatos às casas construiriam 10, que, após o término, seriam sorteadas entre eles. Com isso se pretendia aumentar a qualidade construtiva e construir a solidariedade. Mas, isso não surtiu um efeito prático, pois a vinculação das pessoas com a moradia mostrou-se muito forte desde o momento de sua construção. O imaginário de morar vai-se compondo desde o primeiro momento da construção da casa. O fato mudou a proposta: cada morador era destinado ao seu lote e nele ia trabalhando sua casa, com o apoio de amigos, parentes e outros moradores já instalados no bairro. Era comum integrantes da equipe administrativa municipal, com seus familiares, trabalhando na construção das casas em fins-de-semana.

O DIA DA HABITAÇÃO

Uma preocupação que surgiu também foi a de como sensibilizar a população em geral do município para com o drama da falta de habitações. Para isso foi engenhado o Dia da Habitação. Consistia em recolher nesse dia, casa a casa da cidade, nos diversos bairros, sobras de materiais de construção a serem reciclados e reaproveitados nas construções ou outros materiais que pudessem ser vendidos e, com o resultado da venda, serem comprados outros materiais de construção. Para recolher os materiais, eram organizados grupos de servidores municipais, liderados pelos secretários municipais; cada grupo tinha à disposição um caminhão e daria conta de um setor da cidade para trabalhar a coleta durante o dia. Cinquenta ou mais caminhões de materiais recicláveis eram recolhidos e descarregados no banco de materiais do Projeto. Em cada casa por onde passava o grupo, eram deixados folhetos explicativos e informativos do que era o projeto e o que se fazia para a habitação popular no município. Em cada pessoa que trabalhava nesse dia, dava-se um forte processo de conversão à causa da habitação e da solidariedade humana. O dia sempre terminava em festa, com alguma comida ou bebida e muitas brincadeiras.

A ESCOLA MUTIRÃO

O crescimento do bairro exigiu a atenção para com os serviços públicos. As crianças eram em grande número, a olhos vistos. Precisavam ser atendidas com pré-escola e escola básica de primeiro grau.

A Secretaria Municipal de Educação era na época responsável pelos serviços. Internamente, de início, os debates se deram em torno de como deveria ser o projeto arquitetônico. A construção deveria conter no espaço e na forma todo o ideário de liberdade, de expressão, de cooperação e de solidariedade, que era vivido pelos administradores municipais e que, se acreditava, também no meio da população. Com o apoio técnico do Arquiteto Caon,

chegou-se a uma composição interessante de volumes: as salas de aula seriam trapezoidais, separadas, em número de seis, compondo um grande hexágono. Uma dessas salas se juntava à outra de outro grande hexágono pela base maior do trapézio. Eram três grandes rosetas hexagonais, juntadas no meio por três grandes salões de formato poligonal de seis lados, resultantes da junção de seis trapézios nas suas bases maiores. A escolha dessas formas para o conjunto das salas permitia ampliações até o suporte da área destinada à escola. A escolha da forma trapezoidal tinha a ver com o imaginário de reduzir o espaço do autoritarismo (infelizmente reproduzido pela educação tradicional) - a base menor do trapézio - e ampliar o espaço do povo (na escola, representado pelos alunos) - a base maior do trapézio. Queríamos uma escola libertária, desde a planta baixa até suas práticas e relações no seu interior. Externamente, não haveria cerca, nem muros, separando a escola da comunidade, de modo a permitir a maior integração das crianças com suas casas e das famílias de moradores com a escola. As crianças acessariam às salas de aula sem fazer fila. A população circularia livremente entre as salas. A escola deveria ser referência da comunidade.

No ano de 1979 foram iniciadas as obras da escola.. Os alicerces foram lançados pelos operários de uma equipe à disposição da Secretaria Municipal de Educação, cujo mestre de obras era o Samuel. Seguindo a dinâmica reinante no Projeto Lageano de Habitação, os moradores eram estimulados a participar da construção com o seu trabalho, conforme sua disponibilidade de tempo. As obras foram em ritmo lento até meados de 1980. Ficou estabelecido que as aulas se iniciariam no início do ano letivo de 1981. Intensificaram-se os trabalhos no final do ano de 1980. O mobiliário da escola, preparado na marcenaria da prefeitura sob a maestria do Manoel Sagaz, também seria alternativo: mesas planas de 0,60 m x 2,00 m, altura padrão de 0,80 m, com dois bancos sem encosto, visando dar mais autonomia de uso do espaço com a remoção das mesas e bancos, mais liberdade de organização didática, circulação e movimentação das crianças durante as atividades na escola.

O projeto pedagógico já tinha uma definição: os educadores construiriam os currículos sobre três eixos - expressão, saúde e formas cooperativas de trabalho. Expressão - porque se pretendia que as crianças, filhas do povo, fossem capazes de dizer, declamar, escrever, e de diversas formas, a história, o saber, o fazer, o manifestar a sua vida e a de sua gente. Saúde - porque sem cuidar-se, conhecer o seu corpo, seu funcionamento e saber defender-se e curar-se de doenças, não se pode garantir a vida. Formas cooperativas de trabalho - porque produzir é preciso para sobreviver e de modo cooperativo para permitir que todos tenham vez e tenham espaço nas relações de produção. Em cada turma, alternar-se-iam atividades em ateliers de produção, fosse o texto, a leitura ou a oficina de aprender a trabalhar com materiais e técnicas, ensinadas por artesãos, artífices, disponíveis na escola ou no bairro. Quem soubesse, ensinaria. Surgiram tanto moradores habilidosos, como até professores, serventes ou merendeiras, com outras habilidades além de suas atividades habituais, para ensinar as crianças a dominar uma arte ou um ofício.

No início do ano de 1981 foram selecionados os professores, os dirigentes e pessoal de apoio da escola. A diretora escolhida foi a Ângela Dalmolin. Escolhidos, iniciaram o levantamento de crianças de zero a doze anos. Foram matriculadas 500 crianças, distribuídas em igual número na pré-escola e na escola de primeiro grau. Organizaram-se 16 turmas de 30 a 32 alunos cada, metade de pré-escola e metade de 1a. a 4a. série do primeiro grau. Como as obras não ficaram prontas para o dia do início das atividades escolares, professoras e alunos, durante as duas primeiras semanas de trabalho, foram trabalhar em aulas-passeio pelos arredores, no meio

do bairro e no pátio enorme e descampado da praça central. Era uma demonstração do zelo e do amor com que se procurava trabalhar.

Era emocionante ver aquela construção, encimada na coxilha, sonhada com desvelo e paixão, cheia de crianças em movimento, o dia inteiro, em companhia de denodados educadores que, além de ensinar, a tudo atendiam. Era a vida do bairro.

Um detalhe. Logo nos primeiros dias de funcionamento da escola, o bairro foi surpreendido com o falecimento de um dos moradores que tinha dado grande contribuição à construção da escola. E o seu velório foi realizado no salão da escola que ajudara a construir.

O projeto pedagógico se efetivou de vento em popa. Algumas turmas trabalhavam com até cinco ateliers simultaneamente, permitindo uma variedade de ações, em grupos de crianças. Cada espaço de atividade na sala era chamado de canto. Um convênio celebrado entre a Prefeitura do Município de Lages e a Secretaria da Cultura do MEC permitiu recursos extra para o desenvolvimento do projeto, o que lhe deu um grande impulso, com a aquisição de equipamentos, materiais e pagamento de instrutores para as oficinas de produção.

O nome da escola foi escolhido em eleição aberta, por todos os moradores do bairro e pessoas ligadas à escola. Ganhou o nome MUTIRÃO, que é seu nome até hoje.

Dou esse depoimento por ocasião da festa dos 15 anos de funcionamento da Escola Mutirão, para a qual fui gentilmente convidado pela atual diretora, Neusa Zanghelini, que, com outras quatro educadoras, acompanhou e viveu a história desses 15 anos de existência dessa instituição. E, pelas suas palavras, “o espírito com que a escola nasceu, ainda sobrevive”. E outro não foi senão o de abrir espaço de educação e respeito à criança serrana, para que tenha o seu coração aberto ao amor solidário e sua mente pronta para aprender todo o saber necessário, a fim de manter-se homem e construtor de uma sociedade libertária e justa.

Depoimento de **MANUEL NUNES DA SILVA NETO**,
Ex-diretor do DEC (Departamento de Educação e Cultura) e
Ex-Secretário Municipal de Educação, de 1973 a1982, no
Município de Lages - SC.

Curitiba, abril de 1996.

Endereço - Residencial - Rua José Tomasi, 1500
Bairro São Braz
82015-630 Curitiba - PR Fone: (041) 3272-4486

E.mail: manuso@onda.com.br